

ASPECTOS SOCIOAMBIENTAIS DA PESCA ARTESANAL NO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO

¹Kátia Silva de Souza Santos; ²Carlos Alberto Batista Santos

¹Universidade do Estado da Bahia – UNEB, ksantosbio@hotmail.com

²Universidade do Estado da Bahia – UNEB, cacobatista@yahoo.com.br

Resumo: O Rio São Francisco caracteriza-se por ser o principal recurso hídrico da região nordeste do país, um importante manancial de água doce existente para as populações ribeirinhas, ocupando cerca de 8% da área do território nacional, dividindo-se em Alto, Médio, Submedio e Baixo São Francisco. A região do Submedio São Francisco tem se destacado entre outras regiões do semiárido nordestino, por apresentar alta densidade demográfica, relevante atividade econômica, com cidades como Juazeiro-BA e Petrolina-PE, consideradas Polo de desenvolvimento agrícola. Nesta região, são encontradas também, maior barramento do rio, intensificação da agricultura irrigada, conseqüentemente, maior ação antrópica e maior pressão sobre os recursos hídricos existentes, sobretudo no rio São Francisco. A pesca artesanal no Submedio São Francisco, os aspectos socioambientais que envolvem esta atividade, a relação existente entre as comunidades ribeirinhas com a pesca, o processo de revitalização do rio, considerando os problemas ambientais que mesmo tem enfrentado ao longo da sua história, que alteram não somente a estrutura das comunidades aquáticas e da pesca, mas toda vida circundante, sobretudo, a humana. Conhecer os principais aspectos da pesca artesanal no Rio São Francisco, sobretudo na região de Juazeiro-BA, suas implicações, métodos, artes da pesca, impactos sofridos na relação homem/natureza, fundamenta-se a presente proposta de trabalho. O mesmo, trata-se de um estudo de revisão bibliográfica com as principais publicações sobre o tema, realizado no período de Junho a Julho do ano de 2017. Espera-se contribuir para o conhecimento dos aspectos socioambientais da pesca artesanal local, e na construção participativa de planos de manejo do pescado e do ambiente.

PALAVRAS CHAVES: Recursos Hídricos, Pescadores tradicionais, Impactos.

INTRODUÇÃO

O Rio São Francisco caracteriza-se por ser o principal recurso hídrico da região nordeste do país, importante manancial de água doce existente para as populações ribeirinhas, ocupando cerca de 8% da área do território nacional. Foi batizado com esse nome em homenagem ao santo protetor dos animais, por Américo Vespúcio em 04 de outubro de 1501 (GODINHO & GODINHO, 2003). Conhecido também por Opará pela população indígena, e ainda Velho Chico, pelos ribeirinhos. Com cerca de 2 900 Km de extensão, tem sua principal nascente no Parque Nacional da Serra da Canastra em Minas Gerais, sua bacia possui em torno de 645 km², drenando áreas dos Estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. É considerado o 34º rio de maior vazão chegando a registrar uma média anual de 2800 m³/s (GODINHO & GODINHO, 2003). Tendo registrado atualmente vazões inferiores a 600m³/s, segundo os dados Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF. Trata-se do quinto maior rio da América do Sul, surgindo na alta floresta atlântica no estado de Minas Gerais e fluindo por quase três mil quilômetros em direção ao Atlântico, sendo a terceira bacia hidrográfica do Brasil, abrangendo biomas de cerrado e de caatinga. Com base no perfil longitudinal do rio e de seus principais afluentes, o Vale do São Francisco é dividido em quatro grandes áreas: Alto, Médio, Baixo e Submedio, este último atinge áreas dos Estados de Pernambuco e da Bahia estendendo-se do município de Remanso - BA, até Paulo Afonso - BA (OLIVEIRA & SOUZA, 2011). Por ser o maior recurso hídrico entre os cursos de água existente na região nordeste do país, é o de maior potencialidade e importância socioeconômica, cultural. O rio São Francisco, destaca-se na produção de energia, agricultura irrigada, pesca artesanal, turismo, e o comércio. E estes, entre outros elementos, exercem uma grande pressão sobre este importante ecossistema, traduzidos em impactos socioambientais significativos e determinantes sobre a vida, o presente e o futuro do rio, dos seus ribeirinhos e de toda sociedade. Apesar de tamanha importância socioambiental e amplitude geopolítica e econômica, as ações voltadas para a sustentabilidade do rio, de seus afluentes, das comunidades e povos do rio, são tímidas, burocráticas, que não atendem efetivamente à demanda existente. Fato que precisa ser discutido e enfrentado, à luz da ecologia humana, por toda a sociedade! Este estudo pretende registrar a percepção e a

utilização de recursos pesqueiros pelos pescadores artesanais no município de Juazeiro-Bahia, analisando os aspectos socioambientais associados à pesca artesanal desenvolvida na região.

SÃO FRANCISCO – UM RIO QUE AGONIZA

Entre as demais regiões, é relevante enfatizar o Submedio São Francisco, por seus aspectos naturais, por sua importância socioeconômica, socioambiental, pela importância demográfica, pois nesta região, situam-se grandes conglomerados urbanos, além de importantes usinas hidroelétricas. É uma região que ocupa cerca de 17% do território da bacia do São Francisco, caracterizando-se por ter vegetação predominante do tipo Caatinga, clima Semiárido e Árido, apresentando as temperaturas mais altas encontradas na bacia e ocorrências muito reduzidas e irregulares de chuvas, concentradas em determinadas épocas do ano ²(CBHSF, 2016).

Além de fatores edafoclimáticos importantes e peculiares, o Rio São Francisco recebe importantes e variadas pressões e impactos no seu ciclo hidrológico, encontrando-se de muito tempo antropizado, num progressivo processo de degradação que culmina para sua intermitência, senão morte! Ao longo da sua calha, são encontradas diversas e grandiosas usinas hidroelétricas barrando o seu curso d'água, alterando o seu fluxo significativamente de lótico para lântico, assim como toda a sua biota, principalmente a humana.

A poluição, o desmatamento das suas margens, suas nascentes, as constantes queimadas, o crescente assoreamento, a falta de saneamento, a sobrepesca de espécies nativas, o despejo de agroquímicos, além de uso indiscriminado de suas águas na agricultura irrigada, na pecuária intensiva e na indústria, têm levado o mesmo, a um declínio de fluxo e vazão.

A questão do aporte hídrico é particularmente preocupante no Submedio, ocasionando conflitos relacionados com os diferentes usos da água – para a agricultura irrigada, geração de energia, abastecimento humano, navegação e lazer, entre outros, pois nem sempre existe água suficiente para atender a todos e, nesses casos, a prioridade de uso é o abastecimento humano e a dessedentação dos animais. (CBHSF, 2016).

O RIO E O HUMANO

A degradação ambiental do Rio São Francisco tem agravado a situação de pobreza das populações ribeirinhas, considerando que desde a década de 60 com o advento da agricultura irrigada na região, as suas águas passaram a receber resíduos químicos poluentes que comprometem a sua qualidade tanto para o homem como para os peixes, reduzindo as espécies nativas em mais de 50%. (OLIVEIRA & SOUZA, 2011).

Os programas de revitalização da Bacia do São Francisco, ou programas similares até então, têm uma característica comum: a dissociação do ser humano ao rio. Ou são programas/projetos técnicos ambientais e a discussão humana, é inexistente. Ora, são efetuados programas sociais assistencialistas dissociando a vida humana ribeirinha do seu rio. O que se observa por culminância uma inexpressividade e ineficácia, pois o componente rio está intrinsecamente ligado ao rio franciscano, neste grande e complexo sistema eco humano!

É preciso considerar as inúmeras atividades vitais existentes em função do rio, vidas oriundas do rio, que matam o rio, que morrem paradoxalmente com o rio, pois tornam-se e são o próprio rio! A interdependência indissociável do ribeirinho ao rio, sua cultura, seu modo de ser, agir e pensar, precisam ser considerados em todo e qualquer planejamento socioambiental, dentro desta premissa, observa-se a seguinte análise:

“Nesse contexto da crítica à noção de impacto socioambiental, a discussão então passa a ser sobre o que medir, como medir, quem vai medir, bem como sobre os efeitos da medição. Uma das propostas mais interessantes tem sido a de que a discussão tem que se dar de forma mais ampla, de forma a avaliar não apenas impactos socioambientais, mas principalmente as condições de sustentabilidade socioambiental, recuperando assim a dimensão de processo para além da dimensão técnica e instrumental. Tal deslocamento requer, em última análise, uma discussão ampla sobre o processo de governança socioambiental para a devida aferição da qualidade da participação popular no processo político e de gestão administrativa institucional”. (FERNANDES,

Ao longo da sua imensa calha se estabeleceram diversas comunidades tradicionais, grandes e médios centros urbanos. Para os últimos, são considerados suas tipologias no planejamento de algumas ações socioambientais, assim mesmo, pontuais. Com relação às

comunidades tradicionais ribeirinhas ou não ao Velho Chico, é tangível a ausência de políticas públicas para estes povos!

A PESCA TRADICIONAL NO SUBMÉDIO

A pesca é uma das mais antigas atividades humanas, sendo para muitas comunidades, sobretudo, tradicionais, a exemplo das indígenas, uma atividade, tradicional, histórica, cultural além de subsistência. Como nos relata (SANTOS & ALVES, 2016) nos seus estudos com os povos Truká, “... para estes, principalmente os grupos instalados ao longo do Rio São Francisco, a pescaria além de ter uma grande importância histórica, representa uma das principais fontes de proteínas para estas comunidades. ”

A pesca artesanal praticada nas diversas comunidades ribeirinhas, existentes no Submedio São Francisco, é uma importante atividade humana que sofre impactos socioambientais, que promovem variações nas suas características, formas e finalidades ao longo do tempo. Para Oliveira & Souza (2011), há a fragilidade da pesca artesanal entre os ribeirinhos dos municípios do Submedio São Francisco, dada a baixa expectativa dos mais idosos em relação a sua continuidade e a desmotivação dos mais jovens em aderirem a uma profissão cuja remuneração financeira e reconhecimento social não se apresentam como atrativos.

Ainda segundo as pesquisas de Oliveira & Souza (2011), este fato é grave, e impacta negativamente a nutrição da população, principalmente os mais jovens e idosos. “A alimentação das famílias ribeirinhas com pescado sempre foi a tradição, porque os seus rendimentos mesmo em tempos mais alvissareiros jamais permitiram a aquisição de carnes bovina, caprina, suína e de aves no cotidiano. A fonte de proteína diária sempre foi o peixe. Com a sua escassez, essa fonte rareia, modificando o quadro nutricional na região” (OLIVEIRA & SOUZA, 2011).

Ainda nesta discussão, Santos & Alves (2016), afirma que os pescadores artesanais das comunidades indígenas do semiárido brasileiro, são reconhecidos por desenvolverem um conhecimento elaborado sobre os recursos biológicos explorados que inclui vários aspectos de ecologia, taxonomia e etologia e este conhecimento pode apoiar pesquisas acadêmicas sobre a biologia das espécies exploradas ou subsidiar planos de sustentabilidade e de gestão dos recursos naturais explorados.

Populações de quilombolas, indígenas, pescadores artesanais, entre outros, suas ações e modos de vida são invisíveis à luz da pesquisa, de políticas públicas, e do efetivo planejamento socioambiental! Nesta perspectiva, Oliveira & Souza (2011), nos diz: “O Rio São Francisco tem uma tradição de pesca artesanal de pequeno porte. No entanto, agroindústrias e hidrelétricas várias ao longo do seu curso, poluição, desmatamentos têm afetado profundamente populações de peixes que levaram a um declínio na captura, conflitos na regulamentação da pesca e alocação de recursos, além de muitas dificuldades nas comunidades de pescadores”.

Nos estudos recentes de Santos & Alves (2016), sobre a comunidade indígena Truká, que vive no semiárido brasileiro, há uma diminuição crescente da atividade pesqueira, identificados nos seguintes aspectos 1 - Alterações no Rio São Francisco, provocadas pela instalação de usinas hidrelétricas; 2 – Escassez de espécies de peixes; 3 – Mudanças na Dieta alimentar das populações, onde os peixes não representam mais a principal fonte proteica para estas comunidades. 4 - A introdução de espécies exóticas impactando espécies nativas. 5- Poluição e desmatamento das margens dos rios.

Nesse aspecto, o que se observa nas comunidades indígenas, é o declínio gradativo da atividade pesqueira, muito em função de problemas socioambientais complexos que afetam as populações ribeirinhas, sobretudo, às tradicionais como indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, entre outros.

Um outro aspecto importante a ser considerado ainda, é o consumo da carne de peixes, nos dias atuais, este consumo, não representa mais a principal fonte de proteínas para estas populações. Fato preocupante, pois a pesca artesanal nesta região se consolidou historicamente como importante fator nutricional, principalmente nas populações mais carentes. Em pesquisas de Melo et al. (2011), realizadas em Juazeiro – BA, e Petrolina -PE duas cidades importantes do Submedio São Francisco, sobre o comércio e consumo de peixes nestas cidades, os autores afirmam que, embora o desenvolvimento da cadeia produtiva da piscicultura ainda seja incipiente nesta região do semiárido, observa-se, boas perspectivas de mercado e comercialização da carne de peixe.

REVITALIZAÇÃO UMA ABORDAGEM

Muito se discute sobre revitalizar o rio, muito embora esta discussão se deu diante de imensa pressão popular ao antigo e histórico projeto de “Transposição das Águas do Rio São Francisco”, atual, “Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional”. A palavra revitalização surge como contraproposta ao projeto, na ocasião impopular, sob a ótica ambiental e ecológica, tendo na perspectiva da revitalização, uma espécie de compensação, uma vantagem, quase um favor por ser concedido aos ribeirinhos, pela permissão de uso de suas águas! Dentro desta premissa, os projetos ou programas de revitalização seriam natimortos, como os são! Visto que a origem ou a concepção ideológica surge como barganha política e não efetivamente uma proposta de gestão socioambiental. É sabido por todos que o governo federal propôs programas de revitalização da bacia sanfranciscana, porém, programas estes, pontuais, burocráticos, paliativos e que não solucionam nenhum problema efetivo que impacta degradando a bacia. Nesta abordagem, observa-se:

O Rio São Francisco precisa de um programa abrangente de revitalização que parta de uma visão ecossistêmica dos problemas da Bacia e ataque de forma igualmente sistemática as principais causas de degradação do Rio. As ações pontuais e paliativas promovidas até agora não bastam para atingir as raízes dos problemas. Além das ações de saneamento básico propostas pelo programa do governo, um projeto de revitalização deve ir além de encarar a poluição direta por emissões urbanas e industriais. Um aspecto essencial é a conservação de lençóis freáticos, nascentes e áreas de recarga para garantia de armazenamento e fornecimento de água na Bacia em volumes suficientes à reprodução do conjunto da vida, diminuição de enxurradas e maiores vazões de estiagem. (ZELLHUBER

Para uma discussão efetiva e mais próxima de uma proposta democrática, participativa, inclusiva e significativa de gestão socioambiental sobre revitalização, não basta discutir programas ambientais, faz-se necessário repensar o modelo de desenvolvimento econômico, de produção agrícola, de redesenhar a sociedade numa perspectiva inclusiva,

considerando, sobretudo as pessoas, as comunidades tradicionais, a sociedade como todo, numa perspectiva holística.

As populações urbanas, crescentemente maioria da Bacia, também precisam de programas específicos, com destaque para a educação ambiental, a fim de envolvê-los efetivamente na redução da degradação e na promoção da revitalização, com mecanismos eficientes de controle social. A revitalização da Bacia do Rio São Francisco somente será verdadeira se o povo ribeirinho, especialmente a população pobre, vítima da injustiça ambiental resultante do processo cumulativo de degradação e que se organiza e se mobiliza para enfrentá-la e combatê-la, for sua efetiva protagonista. . (ZELLHUBER & SIQUEIRA, 2016)

METODOLOGIA

O presente estudo, utilizou como método a pesquisa bibliográfica, em diversas publicações sobre a temática abordada, tendo como objeto de estudo, artigos publicados, em periódicos, livros, dissertações e teses. A mesma ocorreu nos meses de Junho e Julho do ano em curso.

RESULTADOS e DISCUSSÃO

Este estudo pretende registrar a percepção e a utilização de recursos pesqueiros pelos pescadores artesanais no município de Juazeiro-Bahia, analisando os aspectos socioambientais associados à pesca artesanal desenvolvida na região, contribuindo assim para planejamento de manejo, colaborar com o acervo bibliográfico temático local e regional.

CONCLUSÕES

É inegável a importância do Rio São Francisco no imenso e complexo contexto: ambiental, social, econômico, histórico, ecológico, antropológico entre outros.

No entanto, são observadas a sua crescente e inexorável degradação e em paralelo das suas comunidades e dos seus povos.

Discutir medidas sustentáveis de revitalização do rio, sem considerar seus povos, as suas comunidades, e em especial, às tradicionais, é retomar o insucesso histórico de ações infrutíferas! Como nos relata (ZELLHUBER & SIQUEIRA, 2016) “ Os principais atores sociais a serem envolvidos na elaboração de um programa de revitalização devem ser as comunidades tradicionais de pescadores, quilombolas, índios, fundos de pasto e os ribeirinhos em geral, pois são eles que ainda preservem um modo de vida de pouco impacto ao ambiente natural da Bacia e é com eles que se pode aprender muito acerca da preservação do Rio”. É preciso ouvir e discutir o todo!

Ações antrópicas sufocam e matam o rio, e com esta morte, sucumbem milhões de pessoas. Há neste contexto, uma intrínseca e complexa associação que precisa ser visualizada e considerada nos projetos/programas de gestão socioambiental deste imenso ecossistema humano – O Rio São Francisco!

FOMENTO

Estudo realizado sem nenhum fomento de instituições

REFERÊNCIAS

COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SÃO FRANCISCO - CBHSF
<http://cbhsaofrancisco.org.br> ACESSO EM 24/07/2017

FERNANDES, Edésio. Impacto socioambiental em áreas urbanas sob a perspectiva jurídica. **MENDONÇA, Francisco. Impactos socioambientais urbanos. Curitiba: UFPR, 2004.**

GODINHO, Alexandre Lima; GODINHO, Hugo Pereira. Breve visão do São francisco. **Águas, peixes e pescadores do São Francisco das Minas Gerais. Belo Horizonte: PUC Minas, v. 468, p. 15-23, 2003.**

MELO, Jose Fernando Bibiano; DOS SANTOS, Andre Sampaio; DAMASCENO, Alvoneide Assis. Comercialização e perfil do consumidor da carne de peixe na região do semiárido de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE). **Informações Econômicas, São Paulo**, v. 41, n. 12, 2011.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, Lúcia Marisy Souza; SOUZA, Jackeline Maria. (Des) caminhos da pesca artesanal no submédio São Francisco. **RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico**, 2011.

SANTOS, Carlos Alberto Batista; ALVES, Rômulo Romeu Nóbrega. Ethnoichthyology of the indigenous Truká people, Northeast Brazil. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, v. 12, n. 1, p. 1, 2016.

ZELLHUBER, Andrea; SIQUEIRA, Ruben. Rio São Francisco em descaminho: degradação e revitalização. **Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades**, n. 227, p. 3-24, 2016.